HUMAITÁ – 140 ANOS

A Marinha do Brasil na Guerra do Paraguai não foi só Riachuelo

LUIZ EDMUNDO **BRÍGIDO** BITTENCOURT
Vice-Almirante (Ref[s])

SUMÁRIO

Antecedentes
O forçamento de Humaitá
A passagem dos monitores por Curupaiti
A fortaleza de Humaitá
O planejamento do forçamento
A execução do forçamento
A epopéia do *Alagoas*

No dia 19 de fevereiro de 1868, três encouraçados e três monitores-encouraçados brasileiros da Esquadra em Operações no Rio Paraguai conseguem forçar a Passagem de Humaitá e passar pela até então considerada por todos como a inexpugnável fortaleza, mudando inteiramente a feição da guerra que já durava quase três anos.

ANTECEDENTES

Por já algum tempo, os gaúchos do Rio Grande do Sul engordavam o seu gado nas melhores pastagens de mais ao sul, agora uruguaias. Na área, estavam estabelecidos inúmeros fazendeiros brasileiros que se queixavam de violências perpetradas contra eles por pessoal do governo e do partido governista.

Berro, presidente uruguaio eleito em 1860, proibiu a escravatura e aplicou impostos aos brasileiros, o que contrariava frontalmente seus interesses. Estes, então, apresentaram pedido de providências ao governo central brasileiro.

PARAGUAI NA AMÉRICA DO SUL

O governo imperial, provavelmente temendo um novo movimento separatista no sul, atende à solicitação e envia, em abril de 1864, um representante especial, o Conselheiro Deputado José Antônio Saraiva, que apresenta ao governo uruguaio um protesto. É a conhecida Missão Saraiva.

Nesse meio-tempo, Berro deixa o governo. Assume seu sucessor legal, Atanasio Aguirre, presidente do Partido Blanco, considerado por muitos um homem violento.

Não sendo atendido, Saraiva, a 4 de agosto de 1864, reforça o seu protesto com um ultimato e com a presença de navios de guerra em Montevidéu e tropas prontas na fronteira.

A 25, o governo uruguaio apresenta cópia do ultimato ao governo do Paraguai, seu aliado potencial. A 30, o governo paraguaio envia nota ao brasileiro, do qual se transcrevem alguns trechos:

"O governo do Paraguai deplora profundamente que o de V. Exa. haja oportuno afastar-se de política de moderação... Não pode, porém, ver com indiferença, e menos consentir, que, em exercício da alternativa do *ultimatum* imperial, as forças brasileiras, quer sejam navais, quer terrestres, ocupem parte do território da República Oriental do Uruguai, nem temporariamente, nem permanentemente. S. Exa. o Presidente da República... [declara] que o governo da República do Paraguai considera qualquer ocupação do território oriental por forças imperiais, pelos motivos consignados no *ultimatum* de 4 do corrente... como atentatória do equilíbrio dos Estados do Prata, que interessa à República do Paraguai como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira mais solene contra tal ato, desonerando-se desde já de toda responsabilidade pelas conseqüências da presente declaração."

Em outubro de 1864, tropas brasileiras invadem o Uruguai em apoio a Flores (do Partido Colorado, que disputava a Presidência com Aguirre e era simpático às pretensões brasileiras), bem como aos interesses dos fazendeiros gaúchos estabelecidos no território do país vizinho, contrariados desde o governo de Berro.

Francisco Solano López, presidente perpétuo do Paraguai, cumprindo a sua palavra constante de sua nota de 30 de agosto, a partir de dezembro de 1864 movimenta-se em socorro ao Uruguai: invade o Brasil e a Argentina. Para o norte, conquista Mato Grosso até Corumbá, que caiu em 4 de janeiro de 1865, sem oposição; para sudeste, conquista as terras brasileiras da margem esquerda do Rio Uruguai, até Uruguaiana, que cai, abandonada, a 5 de agosto de 1865; para sudoeste, conquista território argentino até Goya, a 180 quilômetros ao sul de Corrientes, aonde chega em fins de maio de 1865.

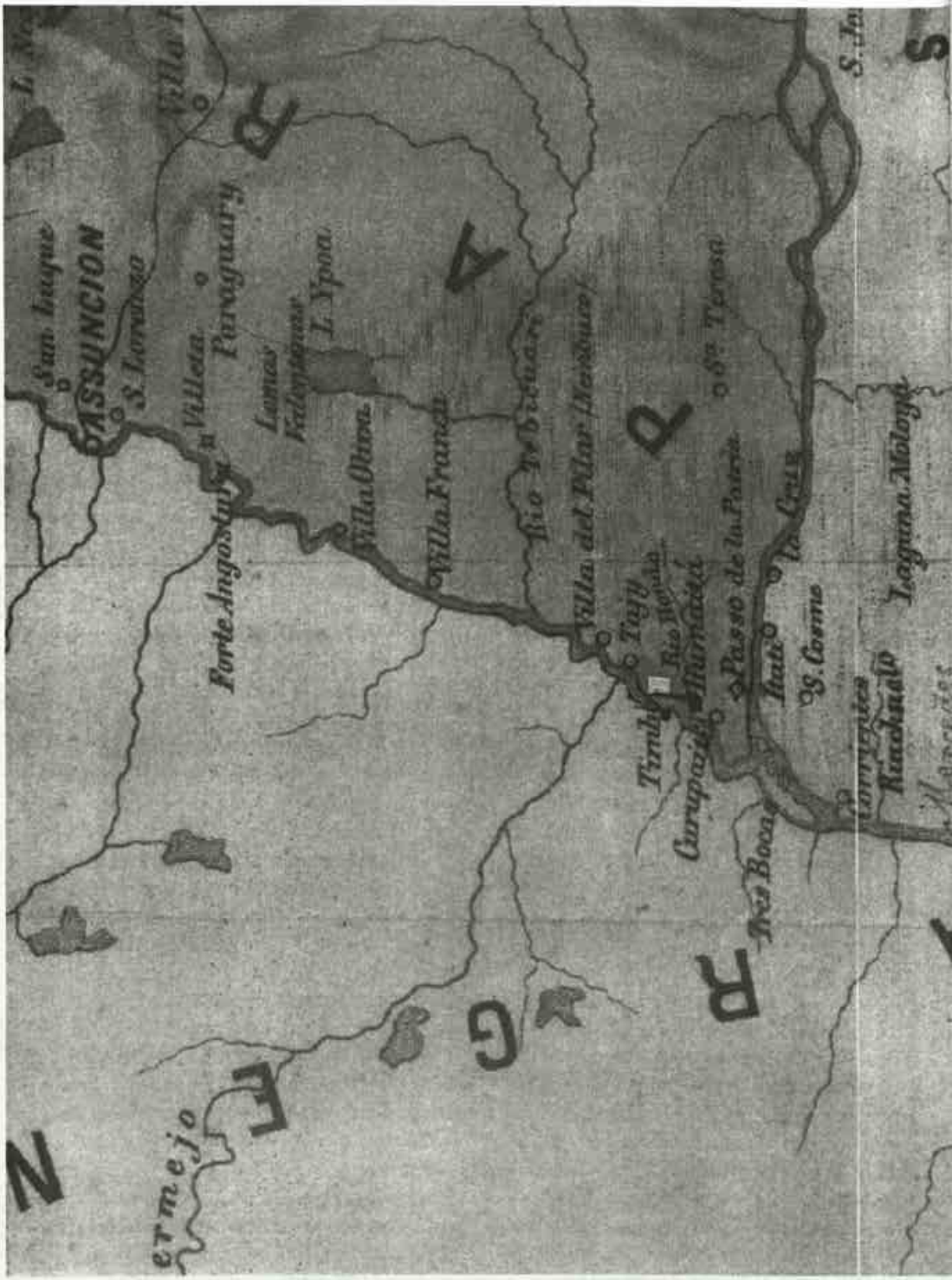
Em 1º de maio de 1865, é assinado o Tratado da Tríplice Aliança – Argentina, Brasil e Uruguai – para tirar López do poder, pois os aliados fizeram questão de afirmar que a guerra não era contra o Paraguai.

Em 11 de junho de 1865 é travada a Batalha Naval do Riachuelo, onde Paraguai perdeu praticamente toda a Marinha e passou a ficar isolado do Mundo.

Em 18 de setembro de 1865, Uruguaiana é libertada por tropas brasileiras, que fazem 5.131 prisioneiros, inclusive o General Estigarribia, seu comandante; a rendição se fez na presença do Imperador D. Pedro II, chefes militares dos países aliados, políticos e seu ajudante-de-campo, Caxias.

A 20 de setembro de 1865, as tropas aliadas chegam à área de Corrientes e Três Bocas e empurram as tropas paraguaias de volta para o seu território. A travessia do último paraguaio se deu na noite de 2 para 3 de novembro de 1865.

Entretanto, o sul de Mato Grosso continuaria por alguns anos em mãos inimigas.


ASSUNCION
S. Lorenzo
Villeta
Paraguary
San Isidro
Lamas
Valenzuela
I. Ypoa
Villa Olivia
Villa Franca
Villa del Pilar (Nembucu)
Tigre
Curupaity
Passo de la Patria
Ita Ibaté
La Cruz
S. Carlos
Rio Bonito
Corrientes
Laguna Melgar
Paraguay
Rio Bermejo

Segue-se a invasão do Paraguai, em 16 de abril de 1866, com a travessia do Rio Paraná e a conquista, após luta, das fortalezas de Itapiru, Passo da Pátria e Tuiuti e, após uma breve pausa, da de Curuzu, a caminho de Humaitá, assumido, pelos chefes aliados, como o primeiro objetivo estratégico na luta contra López.

O alvo seguinte foi Curupaiti, a única grande derrota dos aliados em toda a campanha. As baixas aliadas ascenderam a mais de 4 mil, contra menos de 60 paraguaias, e a fortaleza não foi conquistada. Era 22 de setembro de 1866.

A derrota exigiu um bom tempo para recuperação e houve então uma espécie de trégua, um período de dez meses, durante o qual aconteceu a epidemia de cólera morbo que ceifou não só aliados e paraguaios das forças de terra, como brasileiros da Marinha. Foram mais de 4 mil vítimas brasileiras, das quais mais de 2 mil fatais.

Enquanto isso, o Paraguai se fortificava com novos entrincheiramentos e mais canhões fabricados em Assunção.

Uma vez constatado que o ataque frontal a fortalezas era como se fosse um suicídio para os atacantes, Caxias, então chefe de todas as forças terrestres, optou pela célebre e vitoriosa Marcha de Flanco, isto é, as tropas brasileiras seguiram para o norte pelo interior desconhecido até ultrapassarem o paralelo de Humaitá, e então alterariam a direção de sua progressão para alcançar a grande fortaleza pelo seu ponto fraco – a sua retaguarda. A marcha foi iniciada a 22 de julho de 1867 e, após uma adaptação dos planos, chegou a Taií, às margens do Rio Paraguai, a cerca de 60 quilômetros acima de Humaitá, em 2 de novembro de 1867.

Para completar o sítio de Humaitá, e vencer logo o inimigo pela fome, havia necessidade de um bloqueio efetivo que cortasse a comunicação entre Assunção e aquela fortaleza, e para isso a Marinha brasileira precisava ultrapassar Humaitá e, assim, dominar o seu montante do Rio Paraguai.

Daí o forçamento da Passagem de Humaitá por navios brasileiros em 19 de fevereiro de 1868. Em 25 de julho, os aliados entravam numa Humaitá abandonada.

O FORÇAMENTO DE HUMAITÁ

A primeira preocupação de Caxias ao assumir o comando de todas as forças aliadas, em 13 de janeiro de 1868, foi procurar ativar as operações da Esquadra, que se encontrava inativa por mais de seis meses, a não ser pelos bombardeios permanentes às fortalezas paraguaias de Curupaiti e Humaitá. Para isso, Caxias partiu, no dia 31 de janeiro, de Tuiú Cuê (então principal base operacional das forças terrestres) para a base da Esquadra, na área de Porto Elisiário, para avistar-se com Inhaúma, o que aconteceu ao cair da noite do mesmo dia, a bordo do Encouraçado *Brasil*.*

Na sua visita à Esquadra, Caxias assistiu, na manhã do dia seguinte, "à artilharia de todos esses navios (quatro encouraçados e uma chata artilhada) romper o bombardeio contra as posições inimigas de Humaitá..."; de bordo do Encouraçado *Baía* (o mais avançado), pôde observar "as baterias casamatadas da fortaleza e as correntes de ferro que fecham a passagem do rio" (Diário de Caxias).[15]

Às 10h04, o *Baía* retorna à sua posição em frente a Porto Elisiário. Caxias desembarca e faz o mesmo trajeto em sentido oposto: a cavalo, de Porto Elisiário a Porto Quiá. De bote, dali até a foz do rio de mesmo nome e, no Vapor *Guaiacuru*, até Passo da Pátria, desembarcando no dia seguinte.

* N.A.: Ver artigo *A dramática aventura do Encouraçado Brasil*, na *RMB* 2ºtrim/1995, p. 85 a 109.

Dentro do propósito maior, o plano de Caxias consistia em "impedir que López pudesse escapar com o grosso de suas forças de Humaitá para oferecer em uma outra posição nova resistência e prolongar a guerra" (*RMB*, 1º bim./1927).

Ficou acertado, então, que enquanto Inhaúma forçava Humaitá com encouraçados e monitores (que depois prosseguiriam além de Taií), os demais navios bombardeariam posições inimigas; Caxias tomaria de assalto o reduto de Estabelecimento e chegaria às margens do Rio Paraguai acima de Humaitá, enquanto todas as demais forças terrestres, em todas as frentes, simulariam ataques para confundir o inimigo.

Os navios brasileiros que não iriam forçar a passagem ficariam assim distribuídos:

– encouraçados *Lima Barros* e *Silvado* posicionados em frente à Bateria Londres (a principal) para "metralhar todo o espaço fortificado que a artilharia pudesse alcançar" (Diário de Caxias);

– encouraçados *Brasil*, *Cabral*, *Colombo* e *Herval* posicionados na costa do Chaco junto ao ponto inferior da curva de Humaitá, para bombardear as posições inimigas da praça de Humaitá.

– encouraçado *Mariz e Barros* posicionado em frente a Porto Elisiário, para bombardear as posições inimigas do interior do Quadrilátero[1];

– as canhoneiras (de casco de madeira) *Araguari*, *Beberibe*, *Ipiranga* e *Magé*; a bombardeira *Forte de Coimbra* e a chata artilhada *Cuevas* posicionadas ao largo de Curuzu, idem;

– as canhoneiras (também de casco de madeira) *Iguatemi* e *Mearim* e a bombardeira *Paulo Afonso* entrariam na Lagoa Pires, de onde bombardeariam Passo Pacu, em apoio às forças terrestres.

Os seis primeiros encouraçados citados constituíam a Divisão Cooperadora ou Esquadra de Proteção.

De uma maneira geral, todos os navios acima "encetariam vigoroso e prolongado bombardeio contra o interior do Quadrilátero inimigo" (Diário de Caxias).

A passagem dos monitores por Curupaiti

Deve ser registrado que faziam parte da divisão que forçaria Humaitá os três monitores-encouraçados recém-chegados do Rio de Janeiro[2], onde foram projetados e construídos: *Alagoas*, *Pará* e *Rio Grande*. Possuíam eles um canhão de 70 em torre giratória.

Mas haveria de acontecer antes a passagem desses navios por Curupaiti ("que ainda era uma respeitável fortaleza, com 20 ou mais peças de artilharia das quais quatro eram de calibre 68" – Capitão-Mar-e-Guerra Delphim), o que se deu, com pleno sucesso, a partir das 8h30 do dia 13 de fevereiro de 1868. Às 9h30, o *Alagoas*, o primeiro a passar por Curupaiti, fundeou junto ao navio almirante, e logo após o *Pará*. O *Rio Grande* o fez às 11 horas; seu atraso se deu devido ao trabalho que teve sua guarnição para libertar o navio de um grande camalote[3] que descia o rio e se prendera na sua proa. E isso aconteceu debaixo do

1 N.A.: Quadrilátero – área fortificada pelos paraguaios para proteção de Humaitá de forma aproximada a que lhe deu nome. Tinha Curupaiti ao sul, o Rio Paraguai a oeste, Humaitá ao norte e trincheiras a leste.

2 N.A.: O Monitor *Pará* chegou a Curuzu a 21 de setembro de 1867 e o *Alagoas* e o *Rio Grande* nos primeiros dias de fevereiro de 1868.

3 N.A.: Camalotes – porções de terra revestida de vegetação espessa e arbustos, alguns de certa altura, arrancadas das margens pela cheia do rio e que se reúnem formando verdadeiras ilhas flutuantes. (*RMB*, 1º bim./1927 – Raul Tavares).

fogo inimigo, que obteve apenas dois acertos de 68 (grosso calibre) na sua couraça, sem causar danos.

Os navios que forçariam a passagem passaram, no dia 16 de fevereiro, a formar a 3ª Divisão, ou Divisão Avançada. Eram os encouraçados *Baía*, *Barroso* e *Tamandaré* e os monitores-encouraçados *Alagoas*, *Pará* e *Rio Grande*.

No dia 17 de fevereiro, Inhaúma participa a Caxias que o rio já começara a baixar (uma polegada) e que, portanto, urgia escolher a data para a operação da Esquadra e das forças terrestres. Caxias respondeu imediatamente que a operação deveria dar-se até 18, reuniu seus chefes e expôs seu plano.

A fortaleza de Humaitá

O que os navios iriam enfrentar?

"Humaitá é uma barreira chata, 30 pés acima do nível do rio, que aí faz uma curva fechada em forma de ferradura. A barranca se desenvolve por 2.500 jardas e seus extremos terminavam em carriçais.[4]" (Thompson)[2]

"Na saliência da margem oposta, correspondente ao vértice da volta, forma-se um parcel que se estende a mais de um terço da largura do rio, que, ali, não excede 660 metros. O canal navegável corre próximo à margem esquerda (portanto, junto aos canhões da fortaleza). Desta conformidade do leito do rio origina-se a incerteza da direção da corrente, causa dos traiçoeiros remansos, onde muitas vezes neutraliza a ação do leme, na razão direta do comprimento dos navios. A velocidade da corrente é, no canal, de 3,5 a 4 milhas por hora...". (Barão do Rio Branco)

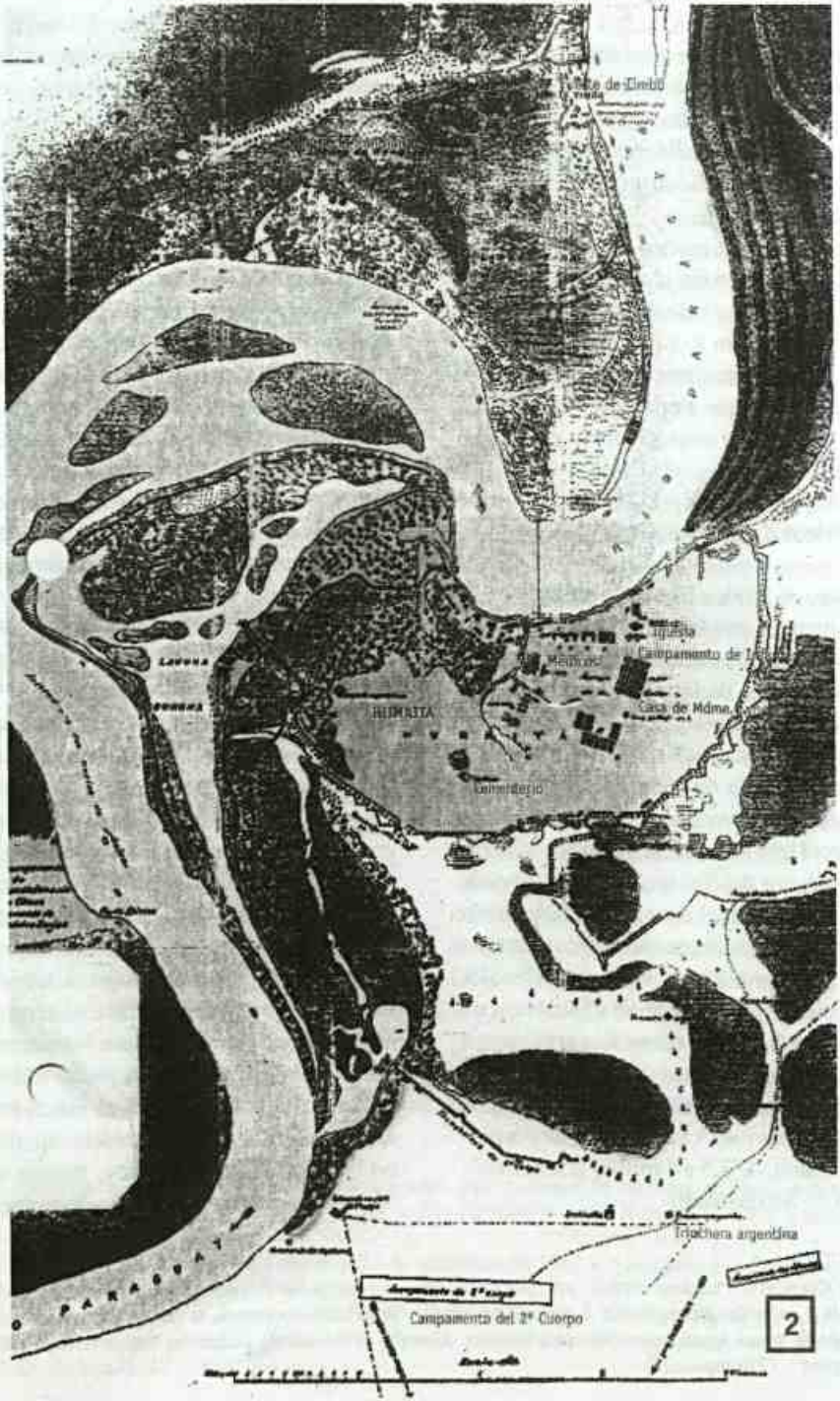
"As baterias dominam, em toda a extensão do alcance máximo dos canhões de grosso calibre, os trechos do canal navegável abaixo e acima da curva fortificada, o que expõe os navios a um fogo de enfiada destruidor muito antes e muito depois de transporem a volta. O navio que, depois de penetrar na volta, desgovernasse por força de avaria do leme ou de sua máquina motora, correria o risco de ser lançado sobre o recife de rocha existente mais abaixo do recesso onde começa o barranco". (Barão do Rio Branco) – Este foi o caso do *Alagoas*, como veremos mais adiante.

"A artilharia de Humaitá estava dividida em duas frentes: fluvial e terrestre, cada uma voltada para o setor que seu nome indica. A frente fluvial era formada, em quase toda sua extensão, por uma linha de retentes com dez baterias que totalizavam 98 canhões. O paramento de oito das baterias (72 canhões) era feito de alvenaria e tijolo. A frente terrestre tinha quatro baterias com 101 canhões". (Jourdan)[20 e 21]

Além dos canhões, havia, para impedir o trânsito fluvial, várias correntes atravessadas ao rio. "A cadeia de Humaitá era visível do ponto em que estavam fundeados os encouraçados. Compunha-se de três cadeias juntas, a mais pesada das quais tinha elo de 7 ½ polegadas. Estavam sustentadas por três pontões e muitas canoas. Os encouraçados fizeram fogo durante três meses contra esses suportes e meteram-nos a pique. Com isso, a cadeia submergiu-se, porque, tendo o rio naquele ponto 700 jardas de largura, não era possível esticá-la sem apoios intermediários. A cadeia enterrou-se no barro do leito e, destarte, passou a não oferecer nenhum obstáculo à navegação

4 N.A.: Carriçal – "terreno cortado por profundas lagoas e atoleiros intercalados de bosques impenetráveis e espessos matagais de 3 metros de altura. Quando o rio cresce, o carriçal fica inteiramente coberto pelas águas, com poucas exceções. Quando o rio baixa, podem-se fazer veredas entre as lagoas". (Thompson)[2]

ÁREA EM TORNO DE HUMAITÁ



(Disso os brasileiros não sabiam). Fizeram-se esforços para levantá-la, mas foram improfícuos". (Thompson)[2]

Quando os aliados tomaram Humaitá, verificaram que "de cada margem saíam sete correntes, as quais, após entrarem no rio, prendiam-se a três. Estas eram sustentadas em meia flutuação, com auxílio de grandes caixões de ferro cheios de ar". (Francisco Cordeiro Torres e Alvim, chefe do Estado-Maior da Esquadra)

E para terminar a relação das ameaças, sempre havia a possibilidade de serem encontrados os temíveis "torpedos" (minas) postados ao longo do canal.

O planejamento do forçamento

Dois dias antes do forçamento, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Delphim Carlos de Carvalho, que comandaria a 3ª Divisão (ou Divisão Avançada), notificou verbalmente seus comandantes de que "o *Barroso*, com o *Rio Grande* a seu contrabordo de bombordo, avançaria na testa da coluna, o *Baía* com o *Alagoas* no centro e o *Tamandaré* com o *Pará* na retaguarda. Comandavam os navios, respectivamente, o Capitão-Tenente Artur Silveira da Mota (o Barão de Jaceguai) e o Primeiro-Tenente Antônio Joaquim; Capitão-de-Fragata Guilherme José Pereira dos Santos e Primeiro-Tenente Joaquim Antônio Cordovil Maurity; Capitão-Tenente Augusto César Pires de Miranda e Primeiro-Tenente Custódio José de Melo. Levantariam âncora do Porto de Elisiário à meia-noite em ponto; daí seguiriam, guardando distâncias convenientes, até se acharem, os da frente, pelo través do navio almirante, investindo, então, o passo a toda força; os do centro e da retaguarda regulariam suas velocidades, de modo a não embaraçarem a manobra que tivesse de fazer o *Barroso*, no caso de encontrar obstáculo insuperável nas cadeias" (Barão de Jaceguai). (Ainda pensavam encontrar as cadeias cruzando o rio e impedindo a navegação.)

A execução do forçamento

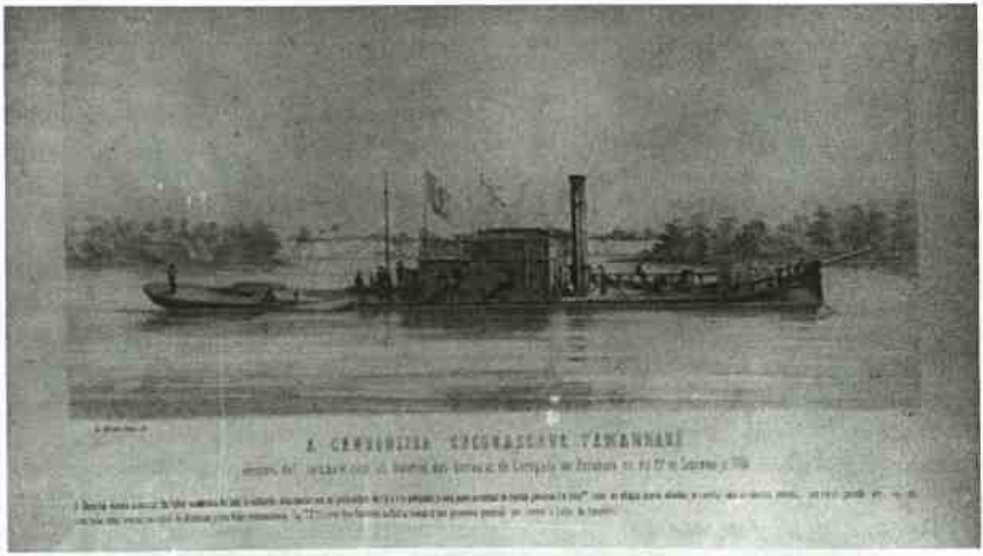
Às 23 horas do dia 18, "a descarga estridente do vapor dos seis navios da Divisão Avançada indicava aos paraguaios vigilantes na margem do rio alguma coisa de extraordinário. Meia hora depois, o 'clanc-clanc' das amarras denunciava que aqueles navios iam se mover; e logo, um foguete, repetido de piquete em piquete até Humaitá, seguido de um outro sinal luminoso mais intenso, deu aos nossos marinheiros a certeza de que não teriam a vantagem de surpreender o inimigo". (Jourdan)[20 e 21]

À zero hora do dia 19 de fevereiro de 1868, o *Barroso* e o *Rio Grande* já seguiam avante. À 1h30 estavam pelo través do navio almirante. Inhaúma mandou que o *Barroso* esperasse pelos demais, pois todos deveriam se expor juntos aos canhões de Humaitá para dividir o fogo inimigo. O atraso se deveu ao mau governo do *Baía*, que chegou a encalhar o *Alagoas* e, posteriormente, abalroar o *Cabral*, causando-lhe algumas avarias.

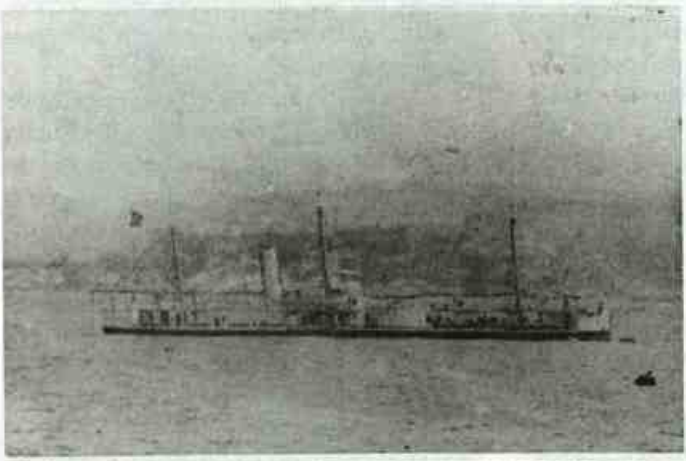
Em contrapartida, *Barroso* e *Rio Grande* manobravam perfeitamente graças ao expediente do Barão de Jaceguai* de ligar os passadiços dos navios por um tubo acústico de fatura (foi o único a fazê-lo).

Às 2h45, como os retardatários ainda não aparecessem e a lua nascente já mostrasse sua claridade por trás da mata do Chaco, Jaceguai decidiu, ignorando a ordem de Inhaúma, prosseguir com o *Barroso* e com o seu monitor a contrabordo.

* N.A.: Ver artigo *Barão de Jaceguay e a Escola Naval*, na *RMB* 2ºtrim/2004, p. 214 a 216.

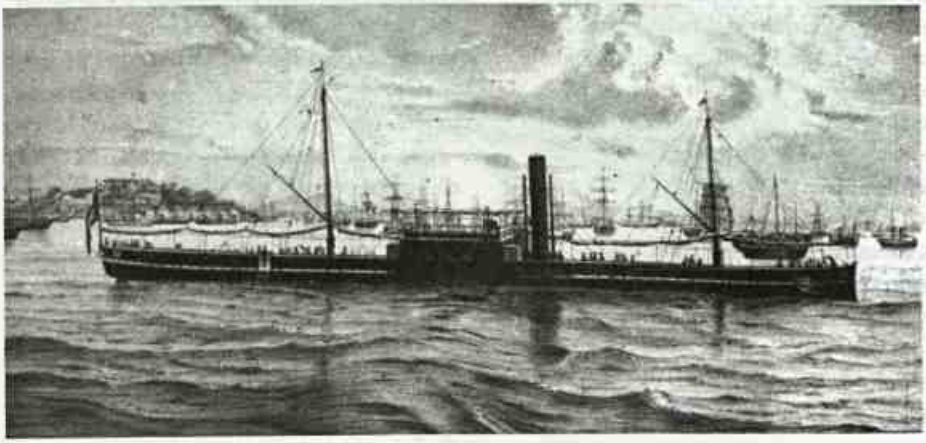


Canhoneira encouraçada *Tamandaré*



Monitor *Bahia*

Encouraçado *Barroso*



"Prevalecendo-se da grande enchente, segui-lhes perto da Ponta das Pedras, de onde fez rumo a manter-se tanto quanto possível próximo ao barranco. Não tardou um minuto, o fogo rolante de todas as baterias caiu sobre os dois navios, sem demora respondido pela Esquadra de Proteção." (Barão de Jaceguai)[19]

"Não mais se distinguem os tiros; o trovar dos canhões forma um só ruído, como um trovão contínuo, abalando tudo." (*RMB*, 1º bim/1921)

"É possível que o clarão das gigantescas fogueiras[5] que, como por encanto, se acenderam na margem do Chaco para iluminarem o passo ... (e seu reflexo na água) tivessem prejudicado a visão dos artilheiros paraguaios, de modo a poder-se explicar tão grandes erros de pontaria... depois de quase extintas as fogueiras, eles acertaram a valer nos navios que passaram mais tarde. [Até o canal] apenas seis balas tocaram os dois navios [*Barroso* e *Rio Grande*]. Em menos de 15 minutos estavam debaixo da Bateria Londres (casamatada com 16 peças de grosso calibre), a pequena distância do barranco". (Barão de Jaceguai)[19]

O segundo par, *Baía* e *Alagoas*, perdeu muito tempo por mau governo do encouraçado (o que os atrasou desde o início), mas conseguiu ultrapassar a corrente com sucesso. Entretanto, logo após, um projétil paraguaio corta as espias de vante do conjunto. O *Alagoas*, com o deslocamento, abre de proa até apontar para jusante. Por alguns instantes, os dois navios puxam um contra o outro até que as espias se partem. O *Alagoas* é, então, levado corrente abaixo (e vai escrever uma linda história de coragem e bravura, contada mais adiante). O *Baía*, a princípio, também é arrastado pela correnteza, mas logo consegue recuperar-se e seguir águas acima. Na passagem, o chefe Delphim é ferido.

Enquanto isso, o terceiro par (*Tamandaré* e *Pará*) passa pelo segundo e prossegue. O *Baía*, já recuperado e com maior velocidade (estava só), alcança seus companheiros e choca-se com o bombordo do *Tamandaré*, esmagando o *Pará*; a roda de proa do *Tamandaré* é deslocada de algumas polegadas, e o navio começa a fazer bastante água. No *Pará*, "abalado em sua estrutura pelo choque, declaram-se fortes veios de água". O *Baía* nada sofreu.

"Após terem ficado expostos aos canhões de Humaitá por 40 minutos, às 4h50 todos (exceto o *Alagoas*) achavam-se acima de Humaitá e fora do alcance de seus canhões." (Parte do Chefe Delphim)

O *Barroso* recebeu ordem para "seguir a toda força águas acima e fosse destruir o que encontrasse do inimigo", enquanto o *Tamandaré* aguardaria o *Alagoas*.

O *Barroso*, ao se aproximar de Timbó[6], descobriu a sua bateria flutuante armada com seis canhões de grosso calibre, além de outros 38 espalhados pela margem e que até então lhe eram desconhecidos. Conseguiram passar, com algumas avarias. Ao se aproximar de Laureles, Jaceguai, comandante do navio, ordenou metralhar a posição, pondo em fuga a sua guarnição.

Às 7 horas, o *Barroso* e o *Rio Grande* chegam a Taií. Às 9 horas, o *Baía* e o *Tamandaré* passam por Timbó.

Em Taií, apenas o *Barroso*, o *Rio Grande* e o *Baía* estavam em condições de receber novas missões; posteriormente, "procedendo-se a uma inspeção dos seis navios, verificou-se que o *Tamandaré*, o *Alagoas* e o *Pará* tinham sofrido, com as balas inimigas, danos tão sérios que, antes de serem as suas avarias reparadas, não poderiam executar nenhum

5 N.A.: As fogueiras foram meticulosamente preparadas com antecedência pelos paraguaios para diminuir o efeito da proteção dada pela escuridão da noite.

6 N.A.: A fortaleza de Timbó localizava-se em uma curva fechada e estreita do Rio Paraguai.

serviço" (Schneider).[9] Tiveram que ser encalhados para não afundarem.

A visão paraguaia dos acontecimentos nos é dada por Thompson, confirmando a descrição acima e acrescentando detalhes interessantes:

– Às 3h30 de 18 de fevereiro, a Esquadra iniciou um "bombardeio furibundo"; outro tanto fez a esquadra de madeira de Curuzu, bem como uma ou duas canhoneiras que penetraram na Lagoa Piris, e as tropas de Tuiú Cuê romperam um canhoneio infernal sobre Esperillo.

– "O fogo de Humaitá era nutrido e certeiro, mas as balas se faziam em pedaços contra as chapas dos encouraçados."

– "Os encouraçados sofreram em Timbó, talvez, maiores danos devido às suas baterias se situarem em uma posição mais baixa relativamente às de Humaitá."

– Dentre os navios, os que mais receberam impactos foram o *Alagoas*, com 180 a 200, o *Tamandaré* com 120 e o *Pará*.

– Os navios de guerra paraguaios *Tacuary* e *Igurey*, para salvarem-se dos encouraçados, refugiaram-se no Arroio Hundo.

Dentre os navios, os que mais receberam impactos foram o *Alagoas*, com 180 a 200, o *Tamandaré* com 120 e o *Pará*

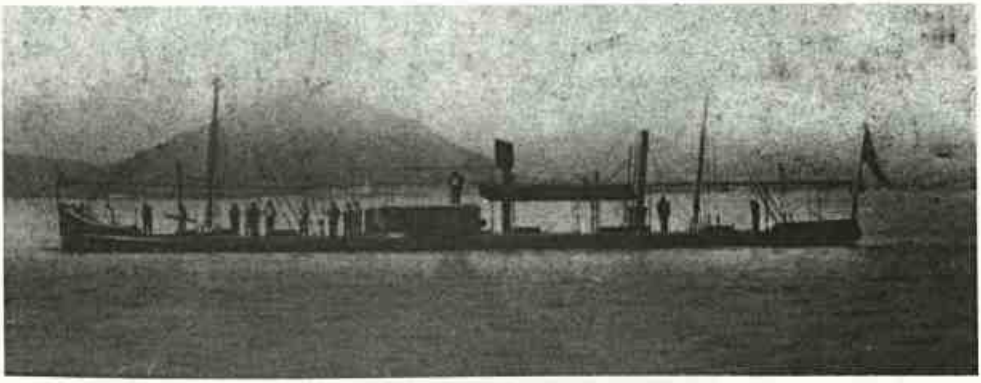
★ ★ ★

O romper do dia encontra o *Alagoas* sem máquina pela quarta vez, sob os canhões paraguaios

A EPOPÉIA DO *ALAGOAS*

Como vimos, o Monitor *Alagoas* era um dos seis navios que forçaram a passagem de Humaitá em 19 de fevereiro de 1868. Partiu, antes da meia-noite, atracado ao costado de bombordo do Encouraçado *Baía*. O conjunto era o segundo a investir. Por planejamento, os três conjuntos deveriam navegar juntos, mas isso não ocorreu devido ao mau governo do *Baía*, que, logo no início da navegação, encalhou o *Alagoas* e, posteriormente, abalroou o Encouraçado *Cabral*, da Esquadra de Proteção. Assim, passaram juntos os segundos e terceiros conjuntos separados do primeiro, conseguindo todos ultrapassar Humaitá.

Mas um tiro feliz dos paraguaios, nesses últimos instantes, corta as espias de vante que uniam o *Alagoas* ao *Baía*. Com o deslocamento, o *Alagoas* abre até ficar em direção oposta à do *Baía* e ainda ligado pelas espias de ré, ambos com máquinas dando toda a força adiante. Não demora muito, as espias se partem e o *Alagoas* vai rio abaixo, apresentando-se pela **segunda vez** às baterias inimigas. Segue, assim, à matroca, escapa de bater na Ponta das Pedras e chega nas imediações no navio capitânia da Esquadra de Proteção, cujo chefe, Inhaúma, sinaliza para o *Alagoas* fundear, dispensando-o de nova tentativa de passar por Humaitá. Entretanto, seu comandante, **Primeiro-Tenente Joaquim Antônio Cordovil Maurity**, achou que não poderia desistir da missão que recebera originalmente e manobra para inverter o rumo. Durante a manobra, abalroa ligeiramente o *Herval* e continua rio acima para enfrentar pela **terceira vez** a poderosa fortaleza paraguaia. E consegue passar, apesar de ser o único alvo a ser atingido naquele momento. Mas (e há sempre um mas), às 5h15, outra vez acontece o inesperado de mais um tiro feliz, que avaria sua máquina, deixando-o à matroca, derivando



Monitor *Alagoas*

1º TENENTE
JOAQUIM ANTONIO CORDOVIL MAURITY
(Armada Imperial)

Ataque das canoas ao *Alagoas* (Do álbum de Trajano)

rio abaixo. O romper do dia encontra o *Alagoas* sem máquina pela **quarta vez**, sob os canhões paraguaios. Sua marujada, com esforço, consegue fazer os reparos, e pela **quinta vez** o *Alagoas* investe rio acima, desafiando os canhões da até então inexpugnável fortaleza paraguaia e, desta vez, sai vitorioso, mas não tranqüilo.

López, fiel à sua obsessão de tomar, por abordagem, navios brasileiros (lembrem-se de Riachuelo) para conseguir ter uma força naval potente, despacha 40 canoas com índios armados de flechas, facas e machadinhas para aprisionar o *Alagoas*.

★
★ ★

Encouraçados contra canoas? O que há de heroísmo nesses embates?

Devemos lembrar que os ditos "encouraçados" brasileiros nada mais eram que pequenos navios fluviais[7] protegidos por cinta encouraçada e armados com um ou dois canhões de grosso calibre próprios para combater fortalezas. Podemos até considerá-los embarcações mais próximas a batelões, sem superestrutura, exceto pela/pelas torre/torres de artilharia, pela chaminé, por alguma tomada de ar de ventilação e, às vezes, por um passadiço rudimentar. Sua borda livre era muito pequena, permitindo que qualquer um, de uma simples canoa, pudesse pular facilmente para o "convés" do dito encouraçado.

Cabe salientar que o número dos atacantes para cada navio sempre foi muitas vezes maior que o dos defensores, e a luta era basicamente de corpo-a-corpo.

★
★ ★

Encouraçados contra canoas? O que há de heroísmo nesses embates?

★ ★ ★

Os 200 acertos do inimigo, que devastaram a superestrutura do *Alagoas* por mais de uma hora, não foram suficientes para alquebrar a vontade e a coragem do Tenente Maurity

A preciosa presa está ferida, com baixa velocidade e fazendo água por vários rombos. Mesmo assim, seu comandante, o **Tenente Maurity**, manobra com eficiência, evitando a abordagem geral e ainda afundando várias embarcações inimigas. Os poucos que conseguiram chegar ao convés do *Alagoas*, graças às medidas tomadas por **Maurity**, encontraram o navio todo fechado e foram dizimados pela metralha brasileira que partia de outras aberturas do navio.

Maurity saía vencedor mais uma vez, mas ainda haveria novo obstáculo a transpor.

Os 200 acertos do inimigo, que devastaram a superestrutura do *Alagoas* por mais de uma hora, não foram suficientes para alquebrar a vontade e a coragem do **Tenente Maurity**.

Antes de chegar às águas acolhedoras e amigas de Taií, o *Alagoas* teve ainda que

7 N.A.: O *Herval* era o maior, com 1.444 toneladas de deslocamento e 65 metros de comprimento; os demais variavam de 500 a 900 toneladas e o comprimento não excedia 50 metros. Os monitores deslocavam 350 toneladas e se estendiam por 40 metros. Para termo de comparação, o atual Monitor *Parnaíba* desloca 620 toneladas, tem 60 metros de comprimento e uma cinta encouraçada de 76 mm.

forçar a passagem de Timbó, a nova fortaleza de López, guarnecida, como já vimos, com seis canhões de grosso calibre mais oito menores e 30 de campanha, estes espalhados pela margem do rio, e 4 mil homens com seus fuzis. E o fez sem problema.

Finalmente, o **Tenente Maurity** fundeou o seu *Alagoas* em frente a Taif. O *Alagoas* fazia água na proporção de 1 ½ polegada por hora. Seus danos eram tão sérios que, antes de serem reparados, o navio teve que ser encalhado para não soçobrar.

O **Tenente Maurity**, com o *Alagoas* e os seus cinco companheiros, mostraram que a inexpugnabilidade de Humaitá não foi suficiente para a Marinha do Brasil.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS> / Guerra do Paraguai /; Passagem (Forçamento) de Humaitá; Maurity, Joaquim Antônio Cordovil, 1ºTen.; Mota, Artur Silveira da, CT; Jaceguay, Barão de;

NOTA DO AUTOR: Este artigo baseia-se na magnífica obra *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, em cinco volumes com mais de 1870 páginas, de autoria do General Augusto Tasso Fragoso, editada em 1924 pela Imprensa do Estado-Maior do Exército e inclui inúmeras outras informações contidas nas referências.

É também parte de um trabalho maior sobre as ações bélicas de toda a guerra, com o propósito de dar à massa da oficialidade uma versão geral fácil de ser lida, ressaltando a participação da Marinha naqueles longos anos de beligerância, com a esperança que os mais jovens se motivem para empreender novas pesquisas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

(1) FRAGOSO, Augusto Tarso (General de Divisão). *História da Guerra da Tríplice Allianza contra o Paraguai*, Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934, (5 volumes com 1.873 páginas)

(2) THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*, Asunción, Paraguay: [s.n.], 1869 (1ª edição em Buenos Aires) (260 páginas)

BIBLIOGRAFIA

(3) A.B.C. *La Guerra de la Triple Alianza*. Asunción, Paraguay: Edition Azeta S/A, s/data. (Coletânea de fascículo de revista. 768 páginas)

(4) BARRAN, José Pedro. *Historia uruguaya* (Tomo IV – Apogeu y crisis del Uruguay pastoril y caudilhesco). Montevidéu, Uruguai: Ed. Banda Oriental la Republica, 1998 (155 pàginas)

(5) BENITEZ, Luiz G. (Professor). *Manual de Historia del Paraguay*, Asunción, Paraguay, s/data (200 páginas)

(6) CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, s/data (224 páginas)

(7) H.P.C. Passagem de Humaitá. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909, p. 1.553 a 1.565.

(8) MARCO, Miguel Angelo de. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires, Argentina: Grupo Editorial Planeta, 1995 e 2003 (350 páginas)

(9) SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da Republica do Paraguay*. (3º volume, 1º fascículo) Rio de Janeiro. Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1924. (418 páginas)

(10) VINHAES, Augusto. Passagem de Humaitá. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 1928, p. 1.157 a 1.165.
(11) TAVARES, Raul (Capitão-de-Fragata). A Passagem de Humaitá. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, Ano XLVI, nº 7 e 8, p. 633-695.
(12) A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1908, p. 1.293-1.298. (Editorial)
(13) A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1921, p. 669-673. (Editorial)

FONTES CITADAS NA BIBLIOGRAFIA BÁSICA CITADA EM (1)

(14) BORMANN, José Bernardino (coronel brasileiro). *História da Guerra do Paraguai*. Curitiba. [s.n.], 1897.
(15) CAXIAS, Marquês de. *Diário do Exército em Operações* (de 1º/7/1867 a 9/2/1869). [s.n.d.]
(16) CENTURION, Juan Crisóstomo (Paraguaio). *Memórias del coronel Juan Crisostomo Centurión* ou *Reminiscências históricas sobre a Guerra do Paraguai*. [s.n.d.]
(17) CERQUEIRA, Dionísio (General). *Reminiscência da Campanha do Paraguai* – 1865-1870. Rio de Janeiro [s.n.d.]
(18) GARMÊNIA, José Inácio (Oficial do Exército argentino). *Campañas de Humaytá*. Buenos Aires: [s.n.], 2ª edição. 1901.
(19) JACEGUAY, Artur de. *De aspirante a almirante*. [s.n.d.]
(20) JOURDAN, Emilio (brasileiro). *Atlas Histórico da Guerra do Paraguai*, Rio de Janeiro: [s.n.], 1871.
(21) JOURDAN, Emilio (brasileiro). *Guerra do Paraguai*: [S.l.], 1871. [s.n.]
(22) MITRE, Bartolomé (argentino). *Guerra del Paraguay* (Arquivos do General Mitre).
(23) OSÓRIO, Fernando Luis (filho). *História do General Osório*, Vol. I, Rio de Janeiro: [s.n.], 1894.
(24) OSÓRIO, Fernando Luis (neto); OSÓRIO, Joaquim Luis (neto). *História do General Osório*, Vol. II, Rio de Janeiro: [s.n.], 1895.
(25) OURO PRETO, Visconde de. *A Marinha d'Outr'ora*. Rio de Janeiro: [s.n.]. 1894.
(26) PALLEJA, Leon (Coronel uruguaio). *Diario de la Campaña de las Fuerzas Aliadas contra el Paraguay* (22/6/1865 a 17/7/1866). [s.n.d.]
(27) RESQUIN, Francisco Isidoro (General paraguaio). *Dados históricos de la Guerra del Paraguay com la Triple Alianza*. [s.l.:s.n.], 1896.
(28) SILVEIRA, Carlos Balthazar da. *A campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: [s.n.] 1900.